

## EDITORES

Aloysio Augusto d'Abreu

Maria do Carmo Andrade Palhares

Maria de Fatima Amin

## ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Munira Aiex Proença

## SUMÁRIO

## EDITORIAL

### *Mudança*

*Lá se vai a casa  
cheia de medos da infância  
e malas confidentes.  
Os caminhos a levam*

### *Da viagem*

*o cansaço acomoda  
panelas, móveis  
e minha coleção de selos.*

### *O assoalho geme à falta de intimidade*

*A noite cuida do meu quarto:  
olhos sonolentos tropeçam  
na parede de chapisco  
montanhas intransponíveis.  
Amanhã saberei teus cheiros,  
tua voz e o segredo de tuas cores.*

*Hoje não tenho a chave da porta.*

*(Augusto Sérgio Bastos, 2002)*

Daquilo que somos, o que resiste em nós e o que não se cansa de produzir o novo? Nesta perspectiva, a vida humana encontra legitimidade nas transformações que ocorrem, assim como na permanência do que faz sentido ao longo das relações entre as pessoas. Vislumbramos contextos móveis e transitórios e, simultaneamente, permanentes e enraizados contendo a potência de engendrar novas narrativas, ou a inércia a produzir repetição do mesmo. Se nos permitirmos abordar, registrar e transcrever esses movimentos encontraremos novas configurações humanas que apontam para um campo, a um só tempo paradoxal, de manutenção e ruptura.

Foi esta idéia que nos levou a focar o grupamento familiar. Além disso, observamos que este tema foi pouco estudado e pesquisado pela teoria e pela prática psicanalítica. A partir daí, fomos buscar novas narrativas que pudessem reorganizar o nosso conhecimento do grupamento familiar na contemporaneidade, dar-lhe contornos e atualizar significações diferentes.

“O mundo muda e a psicanálise muda também”, em 1927, Freud numa conversa com um jornalista chama a atenção para o aspecto da transitoriedade. A realidade é caleidoscópica. Mais do que nunca assistimos a mudanças rápidas e radicais no mundo deixando-nos a impressão de que não vamos dar conta de acompanhá-las. Entretanto, somos, paralelamente, como psicanalistas, instigados a refleti-las.

A família, que vem modificando a sua função social ao longo dos séculos, tem se firmado como um espaço de vínculos, cenário de construção identitária, célula social que lança o indivíduo na cultura. O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. Este termo foi cunhado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao começarem a desenvolver práticas agrícolas e também para dar nome à escravidão que aos poucos foi sendo legalizada. Acredita-se que, originariamente, o conceito de família tenha sido usado para fazer alusão ao conjunto de escravos e criados enquanto propriedade de um só homem.

No direito romano clássico a família cresce de importância, desde então é baseada no casamento e no vínculo de sangue. Neste contexto, família é o agrupamento constituído apenas pelos cônjuges e seus filhos. Tem por base o casamento e as relações jurídicas dele resultantes. Se, até então, nesta época, predominava uma estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe, nos tempos medievais, as pessoas começaram a estar ligadas por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. Dessas novas famílias fazia também parte a descendência gerada que, assim, passa a ter duas derivações, a materna e a paterna.

No Ocidente, com a Revolução Francesa, surgiram os casamentos fora dos círculos religiosos e, com a Revolução Industrial, tornaram-se frequentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas em redor dos complexos industriais. Estas mudanças demográficas originaram o estreitamento dos laços familiares e as pequenas famílias, num cenário similar ao que existe hoje em dia. Até bem pouco tempo na cultura ocidental, uma família era definida especificamente como um grupo de pessoas de mesmo sangue, ou unidas legalmente (como no casamento e na adoção), podendo estar referida, assim, ao grau de parentesco existente entre os seus membros. Ainda hoje, dá-se o nome de família à principal forma de organização dos seres humanos.

Este espaço sócio-cultural continuamente renovado e reconstruído, acaba de ser reinventado com a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, que podem ter e adotar filhos. Essa nova família, não podendo mais ser definida como um grupo de pessoas do mesmo sangue, faz romper de maneira irreversível o conceito fundado na consanguinidade. Alguns aspectos dessa definição acabaram ficando desatualizados, já que, atualmente, pode-se preferir entender o termo família como o lugar onde as pessoas aprendem a cuidar e a serem cuidadas, mais além das próprias relações de parentesco, um espaço compartilhado onde costuma emergir o criativo, o espontâneo, os vínculos que inspiram para a vida. Ou não. Espaço onde pode emergir o aprisionamento, o isolamento, dores do abandono, marcas traumáticas. O lugar do pertencimento e da estranheza.

Freud em o “Mal-Estar da Civilização” (1930), consciente da vulnerabilidade dessas circunstâncias reveladoras de que, quanto mais próximo, quanto mais íntimo, aparecem, nesse convívio, os riscos do infortúnio ou as alegrias do bem estar, diz: “... e finalmente, o sofrimento que provém dos nossos relacionamentos humanos com outros homens talvez seja o mais penoso do que qualquer outro”. (p.95) Podemos inferir que, se esses sofrimentos começam em casa, ao lado dos que deveriam amar e proteger, reflexões se abrem em direção às repercussões da dinâmica da vida familiar. Núcleo doméstico, artéria viva da microhistória de cada um, constitui-se para o bem ou para o mal, na possibilidade de sustentação do fio civilizatório desta existência em constante movimento.

Adauto Novaes em seu livro sobre Mutações acrescenta:

“Vivemos entre dois mundos: o ‘velho’ mundo moderno está muito próximo de nós ainda, o que torna difícil falar dele como personagem legendário; o mundo contemporâneo, que se apresenta como o começo de uma nova era, conta apenas com velhos conceitos para acolhê-los. A ideia de unidade e conjunto tende a escapar, apesar do nosso esforço: símbolos e ideias passadas, cada vez mais em desacordo com os novos fatos, ainda tentam dar sentido às nossas ações. (...) Como tudo é muito novo e muito veloz, faltam os intervalos do acaso, que é o espaço do pensamento.” ( p.10)

Na tentativa de apreender o que perdura e o que se inaugura, não nos colocamos como editores plasmados no passado das velhas narrativas ou no presente das mutações, mas como editores interessados no movimento que potencializa o sensível, o inacabado do contemporâneo, o inteligível e o incompreensível, o impensável e o improvável ; o humano, enfim, em toda sua precariedade imponderável, permitindo que daí possa surgir o vasto território de liberdade da escrita.

Trouxemos, então, para o campo de discussão as contribuições que autores psicanalistas, escritores e poetas nos ofereceram, apresentando temas que se colocaram como abertura para interrogações que buscam novas articulações, e não apenas respostas apressadas e reducionistas. Assim, diante do múltiplo, propomos iniciar uma conversa através dos textos desta revista.

## Referências

Bastos, A. S.(2002) *O Branco Improvável* Uapê: RJ

Freud, S. (1976/1930) *O Mal- Estar na Civilização* In S. Freud ,*Edição standard das obras completas de Sigmund Freud* – Vol.XXI –RJ: Imago

Novaes, A. (2007) *Herança sem testamento?* In Adauto Novaes(org.) *Mutações - ensaios sobre as novas configurações do mundo*. SP : Agir

## ARTIGOS TEMÁTICOS: CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE – NOVAS NARRATIVAS

### Homoparentalidade e psicanálise: uma breve perspectiva histórica

Luiz Celso Castro de Toledo - Membro Filiado a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto e Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP/SP.

Vera Sílvia Facciolla Paiva - Professora Doutora e Livre Docente do Instituto de Psicologia da USP/SP

**Resumo:** Os autores refletem sobre as mudanças nas configurações familiares no Brasil e em outros países, o declínio progressivo do patriarcalismo e o surgimento mais recente das demandas por direitos das famílias homoparentais. Ao discorrer sobre a homoparentalidade, a história do surgimento do termo homossexualidade e as tentativas de “cura” da mesma são retomadas, apresentando a posição de Freud como uma ruptura com a tradição de sua época. As divisões internas do movimento psicanalítico também são mencionadas em dois momentos-chave: no debate sobre o acesso dos homossexuais à formação psicanalítica (nos anos 20) e na participação de psicanalistas em audiências de discussão a respeito do Projeto de Lei que tratava do tema da união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil.

**Palavras-chave:** Família, Homoparentalidade, Psicanálise.

### A família, mundo contemporâneo e novas modalidades de subjetivação

Gilberto Safra - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

**Resumo** O artigo busca focar a família pelo vértice do eixo histórico, pois sendo ela campo transgeracional, propicia não só transmissões psíquicas e lugares simbólicos, mas também possibilita ao ser humano, inúmeras experiências éticas que são os fundamentos do estabelecimento e do devir do self do ser humano. Por vivermos em uma época na qual a memória dos fundamentos do humano é frequentemente perdida, por meio do desenraizamento, do fenômeno do estilhaçamento da ética, da exclusão social, da digitalização do tempo e do espaço humano. Testemunhamos em nosso meio, como parte desse processo, inúmeras pessoas, vivendo em situações de grande sofrimento sem dispor de possibilidades para encontrar a ajuda necessária ao seu padecimento. Abordam-se a seguir as novas formas de subjetivação e em especial a personalidade pós-moderna, aqui denominada de personalidade avatar.

**Palavras chaves:** família, modos de subjetivação, personalidade pós-moderna, ética.

### **Viejos y nuevos mitos en la familia. Mitos familiares y mitos sociales**

Roberto Losso e Ana Packciarz Losso (Buenos Aires, Argentina)

#### **Resumen**

En los últimos decenios asistimos a una inédita “plasticidad” de las configuraciones familiares, de los valores subyacentes, y a un “debilitamiento” de los mitos intrafamiliares. Este “vacío mítico” es llenado por los mitos sociales actualísimos, que penetran precozmente, en el período preverbal, en la vida de los niños, principalmente a través de la pantalla televisiva. Los mitos familiares “debilitados” se convierten en versiones intrafamiliares de los sociales y son fuente de sufrimiento. Es un desafío para los analistas de familia y pareja, quienes debemos comprender que los procesos intra e intersubjetivos no se originan independientemente de la cultura y de los mitos sociales que los atraviesan. Nosotros también estamos insertos en el mismo ambiente social, nos atraviesan los mismos mitos, mensajes sociales y valores, lo que implica un obstáculo para la cura. Esto obliga a un repensamiento de la comprensión de los fenómenos transferenciales y contratransferenciales y de nuestros esquemas referenciales.

**Palabras clave:** mitos; mito familiar; mito social; autogeneración; transmisión; campo vincular; sufrimiento vincular

### **Sobre a reconciliação – reflexões em torno do amor e do ódio**

Aida Ungier - Membro Efetivo da SBPRJ, Mestre em Teoria Psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da UFRJ.

**Resumo:** A autora reflete sobre os embates entre amor e ódio na constituição da subjetividade. Apoiar-se na contribuição de Winnicott sobre o conceito de holding e nas considerações de Jacques Derrida sobre o conceito de Hospitalidade para que este objetivo seja alcançado. O filme do diretor israelense Avi Nesher, Segredos Íntimos, (Hasodot, 2007) é utilizado para ilustrar sua argumentação.

**Palavras chaves:** Amor / ódio / holding / Hospitalidade (Derrida) / reconciliação

### **Configurações atuais de família e casal**

Maria Helena R. Junqueira - Membro efetivo da SBPRJ, PhD em Comunicação e Cultura

**Resumo:** Muitas tem sido as transformações que vem afetando a constituição de famílias e casais na contemporaneidade. Esse texto é uma reflexão teórica sobre muitos desses aspectos que tem provocado conflitos que vão emergir na clínica de casais e famílias.

**Palavras-chave:** clínica de casal e família, transformação social, contemporaneidade.

### **Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do indivíduo nos tempos atuais**

Lia Rachel Colussi Cypel - Psicanalista Didata e Docente do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

**Resumo** A autora toma a Psicanálise da Vincularidade como uma expansão da psicanálise. Analisa as transformações do contexto sócio cultural atual impactando a família em seu equilíbrio saudável necessário entre tradição / inovação, permanência/ mudança e salienta suas resultantes construtivas e/ou destrutivas no processo de construção do Sujeito e de seus vínculos. Considera os vínculos, nos dias de hoje, como os grandes depositários do mal estar individual e social e expressão de suas patologias. Leva em conta o movimento dialético inconsciente permanente entre indivíduo e vínculo, entre o repetitivo e o novo, a história e o “aqui e agora”. A abordagem clínica decorrente constitui-se em alternativa privilegiada, atualmente, para viabilizar acesso ao vínculo disfuncional e ao sofrimento dos indivíduos que o compõem, em busca da

elaboração e transformação necessárias

**Palavras chaves:** Realidade psíquica vincular inconsciente ;Vínculos férteis e capacidade para pensar;  
Dialética: individual e vincular.

### **A parentalidade adotiva em questão**

Rebeca Nonato Machado - Psicóloga clínica graduada pela PUC-Rio, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Membro Provisório da SBPRJ.

Terezinha Féres-Carneiro - Professora Titular do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio.

**Resumo:** O presente trabalho é proveniente de uma pesquisa de Doutorado, que vem sendo realizada, sobre a vivência da parentalidade, na perspectiva de pais adotivos, no período da adolescência de seus filhos. O objetivo do estudo é compreender a vivência da parentalidade adotiva diante de rupturas e de transformações características da adolescência, compondo uma fase crítica e estruturante para o sujeito e o contexto familiar. Até o momento, foi concluído apenas o estudo-piloto, no qual foram realizadas três entrevistas semi-estruturadas com três pais adotivos, tendo sido os dados analisados pelo método da análise de conteúdo (Bardin, 1977). A partir das entrevistas, foi possível perceber a presença de uma ambivalência em relação à adoção, assim como, medo do preconceito e de os filhos serem estigmatizados. A fundamentação teórica foi desenvolvida em três eixos temáticos: os processos psíquicos organizadores da parentalidade e da filiação, as vicissitudes da adoção, o período da adolescência.

**Palavras-chave:** família adotiva, parentalidade, filiação e adolescência.

### **Tudo o que for dito já é velho (pensando os vínculos na era digital)**

Ana Rosa Chait Trachtenberg – membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - SBPdePA

**Resumo:** Este trabalho descreve a vida dos adolescentes da contemporaneidade, nascidos na era digital, mostrando uma classificação sobre as diferentes gerações que se formaram a partir do final da segunda guerra- BB, X, Y e Z, com intervalos de aproximadamente 10 anos entre elas, sendo cada uma com características próprias. Se discute a nova subjetividade, em especial da geração Z e seu impacto nos vínculos familiares e sociais, bem como nos consultórios de Psicanálise, gerando desafios tanto teóricos quanto técnicos.

**Palavras-chave:** Gerações, era digital, vínculos, adolescentes, geração Z, contemporaneidade

### **O menino que queria ser mãe: considerações sobre transsexualidade e relações familiares hoje**

Sérgio Antonio Belmont - Medico psicanalista, membro efetivo da SBPRJ, psiquiatra da ABP, mestre em psicologia clínica pela USP, diretor científico da ABMP-RJ

**Resumo:** O autor apresenta material clínico que acredita sirva para discussão dos temas do título. A família, sofrendo grandes mudanças hoje, é o espaço de constituição do sujeito, incluindo sua sexualidade, Pela complexidade do tema, acredita seja oportuno que as descobertas trazidas pelas novas ciências biológicas sejam agregadas ao olhar psicanalítico. Transsexualidade é, ainda hoje, um desafio à nossa compreensão e capacidade de tolerância às mudanças e ao novo e contraditório. Como tratar psicanaliticamente hoje um menino que cresceu como mulher e deseja constituir uma família e ser mãe? Autores dos vários campos envolvidos nas questões serão trazidos para discussão e talvez para encontrar algumas respostas.

**Palavras -chave:** transsexualidade, família, desejo, verdade, gênero.

### **Memória e Narrativa: Setenta Anos de Rickman e Bion em Northfield**

Carla Maria Pires e Albuquerque Penna - Psicanalista do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ, Membro efetivo da Group-Analytic Society, London/International. Psicanalista do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ, membro efetivo da Group-Analytic Society International. Professora visitante de Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Resumo :** Este trabalho tem o objetivo de relatar as experiências realizadas por John Rickman e Wilfred Bion durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente no Hospital de Northfield procurando através da narrativa dos acontecimentos do período localizar a importância da dupla para as transformações da psiquiatria e da psicanálise na segunda metade do século XX. Os experimentos realizados em Northfield foram essenciais para o desenvolvimento das comunidades terapêuticas e do trabalho analítico com grupos e famílias que levaram no pós-guerra à criação do Tavistock Institute of Human Relations e da Group-Analytic Society na Inglaterra.

**Palavras-chave:** grupos, psiquiatria, psicanálise, Segunda Guerra Mundial, comunidades terapêuticas.

### **A especificidade da pesquisa clínica com o método psicanalítico na situação analisante.**

Luís Claudio Figueiredo

**Resumo:** O artigo procura, a partir de Freud, estabelecer a especificidade da pesquisa clínica em psicanálise. Enfatiza-se o fato de a pesquisa clínica psicanalítica ser também uma pesquisa empírica e conceitual, mas que toma a situação analisante como condição, objeto e instrumento de investigação. Acentua-se a problemática das transformações nas origens e finalidades desta pesquisa clínica, e o caráter metafórico e metatransferencial das teorias produzidas nestas condições.

**Palavras chave:** Pesquisa clínica psicanalítica, atitude clínica, atitude pesquisadora, função metatransferencial, metáforas.

## **INTERFACE – CONTO**

### **Nestelle**

Antoine Dupont- – Advogado criminalista aposentado e escritor com vários livros publicados na França (Traduzido por Viviane Frankenthal, psicanalista da SBPRJ).